

Eduardo Mascarenhas *

Há poucos dias saiu publicado nos jornais uma estatística, à primeira vista inacreditável: metade dos pacientes que procuram as chamadas "filas da morte" do Inamps e de outras agências encarregadas da saúde popular, o fazem por razões psicossomáticas. Olha que estava valendo computar os casos de malária, meningite, doença de Chagas, esquistossomose, tuberculose, hanseníase, dengue, leptospirose e todas as outras doenças causadas pela pobreza. Valia ainda computar as doenças universais que independem das condições de vida material de um povo: tumores, arteriosclerose, doenças cardiovasculares, Aids, doenças neurológicas etc. Enfim, estava valendo computar qualquer manifestação patológica conhecida pelos compêndios médicos. Mesmo assim, metade dos pacientes era de psicossomáticos, quer dizer, apresentava uma doença no corpo cuja causa, porém, não provém do corpo, provém da mente. Noutras palavras, seus corpos estavam adoecidos por emoções. Emoções adoecidas adoeciam seus corpos.

Esses números não me surpreenderam. Há muito eu já sabia que milhões de brasileiros sofrem de hipertensão arterial e de suas conseqüências — enfarte, derrame cerebral; outros milhões são asmáticos, alérgicos, apresentam úlceras gástricas ou duodenais e toda sorte de problemas digestivos; além disso existem legiões de pessoas entrevadas por misteriosas dores lombares ou "de coluna" e pouco esclarecidos reumatismos. Afora as doenças de origens híbridas e complexas como o alcoolismo e as toxicomanias, com todo o seu cortejo fúnebre de conseqüências físicas — cirroses hepáticas, pancreatites, doenças neurológicas, renais ou vasculares.

Atentem que, até agora, não estou me referindo àquela multidão que procura as agências públicas de "saúde" porque está com sensações concretas de alguma doença no corpo e, por mais exames que faça, não encontra nenhuma alteração física. Não são, portanto, pacientes psicossomáticos — são só "psico"...

Nem estou me referindo ao fato de quanto mais a Medicina avança, mais ela é forçada a suspeitar de influências psíquicas nas manifestações mais escancaradamente físicas. Até o câncer e o rebaixamento não aidético da resistência a infecções estão atualmente sob suspeição psicossomática.

Se levarmos essa ordem de raciocínio às suas últimas conseqüências, nem o Pronto Socorro escapa. Claro, a fratura exposta da perna existe, ela é indiscutivelmente física; mas, como terá sido o atropelamento que a ocasionou? Estaria o motorista que atropelou ou o pedestre atropelado, algum dos dois, bêbado, drogado ou no mundo da lua por alguma dor emocional? E aquele ferimento com arma branca ou com arma de fogo, como terá sido a sua verdadeira história? Não terá havido participação alcoólica, drogada ou emocional? E aquele estupro, aquele espancamento, aquele acidente de trabalho, aquela queimadura provocada pelo incêndio decorrente do ferro elétrico "esquecido" aceso ou do cigarro nas colchas? E aquele acidente ferroviário com centenas de vítimas, como estava o maquinista do trem, o mecânico encarregado da conservação dos freios, o sinalheiro responsável pela sinalização das ferrovias?

Ora, se enxergarmos as causas desses ferimentos de modo mais abrangente, seremos obrigados a catalogá-los também de "psicossomáticos".

Verifiquem que nem fiz referência ainda às dezenas de milhões de brasileiros que padecem de torturantes insônias, enlouquecedoras dores de cabeça, agonias difusas e todos os sintomas "neurastênicos" de franqueza física e psíquica. Se fizermos todas essas contas no lápis, seremos forçados a concluir que a cifra de 50% é modesta para descrever o perfil patológico das filas dos ambulatórios e hospitais públicos. Isso sem incluir as manifestações direta e indiscutivelmente psíquicas, como as fobias, as depressões, os problemas sexuais, as neuroses de angústia e as obsessões.

O que faz o Inamps para enfrentar essa realidade brutalmente concreta do efeito devastador das emoções adoecidas?

Nada.

Por quê? Por causa de uma série de questões malcolocadas e que vem produzindo uma política geral de saúde completamente equivocada. Se esta política geral de saúde não for revista, de nada adiantarão mais verbas e muito menos as manobras espetaculares e exibidas do Ministro Alcení Guerra.

Estarei eu contra medidas moralizadoras e reivindicação de maiores verbas para a Saúde?

É óbvio que não. Porém, as ênfases colocadas apenas nesses aspectos revelam crasso erro de diagnóstico. A partir daí, toda solução estará equivocada e não poderá surtir efeito. O problema da Saúde no Brasil não se resolve só com moralização e verbas. Elas são necessárias, porém, insuficientes.

Não me estou referindo àqueles chavões de que a Saúde se resolve é com comida no prato, melhores salários e condições habitacionais de higiene. É evidente que esses aspectos são de insuperável importância; só que resolvê-los significa resolver a totalidade das questões brasileiras. Transcende, portanto, à área da Saúde e levará décadas para ser equacionado. Se tudo correr bem... E ainda deixaria os milhões de brasileiros psicossomáticos de fora.

Recuso-me igualmente a aceitar os chavões sociologistas que buscam explicar as agonias psíquicas e suas conseqüências somáticas somente por causas econômicas, políticas e sociais: o brasileiro estaria doente porque o Brasil estaria doente; como ninguém agüenta a dureza da vida de um país em crise, as pessoas "piram", refugiam-se no álcool e nas drogas, agridem umas às outras e acabam agredindo a si próprias, gerando toda sorte de doenças.

Se esta explicação contém um fundo de verdade — e, sem dúvida, contém —, ela não vai muito além disso. É simplificada e reducionista demais. Não dá conta, por exemplo, de explicar por que nos países mais ricos do planeta, também ali, nas mais altas taxas de prosperidade, segurança e justiça social, onde tantos tem tão amplas possibilidades de realização, grande parte da população sofre dos mesmos sintomas psicossomáticos. Nos "Inamps" da Suécia, do Canadá ou do Japão também vamos encontrar, no mínimo, metade dos pacientes com os mesmos problemas dos daqui.

É que as emoções são frágeis e delicadas demais para suportar a vida-como-ela-é. Mesmo nos países mais prósperos do Primeiro Mundo, mesmo nos países socialistas mais avançados, há, como Freud, faz 60 anos, nos ensinou um inescapável "Mal-Estar na Cultura". A vida é dura demais para ser suportada pelos nossos sonhos e ideais de vida. Mesmo nos mais altos níveis materiais de existência. Por isso, o ser humano permanentemente sofre e precisa ser sempre amparado nessa sua inevitável vulnerabilidade psíquica.

O alcoolismo, as toxicomanias, as depressões, as angústias, as manifestações psicossomáticas não são apenas reações às condições miseráveis de existência. Tanto que existem, quase em igual proporção, nos países mais ricos e avançados como nos países mais pobres e atrasados. Seu tratamento, portanto, não pode ser reduzido a soluções econômicas, políticas e sociais. Requerem assistência específica, terapias de fundo psicológico: as chamadas psicoterapias.

Compete, portanto, aos nossos serviços públicos de saúde oferecer assistência psicoterápica em todos os seus postos. É barato fazê-lo e economiza recursos que estão sendo jogados fora pela insistência de tratamentos apenas organicistas. Compete também à nossa rede pública de saúde fazer extenso uso dos Grupos Anônimos de Mútua Ajuda: enviar os alcoólatras a quem é capaz de enfrentar o alcoolismo — os Alcoólicos Anônimos; enviar os toxicômanos a quem é capaz de enfrentar as toxicomanias — os Narcóticos Anônimos; e recorrer cada vez mais aos Neuróticos Anônimos para cuidar de nossos cidadãos angustiados, fóbicos, deprimidos e psicossomáticos. Que se deixe a sociedade tratar da sociedade. Que se deixe o cidadão tratar do cidadão. Isso é que ser moderno, ser democrático, baratear custos e enxugar a máquina estatal.